

DE'SPAGNOLIS, M. *Il mito omerico di Dionysos ed i pirati Tirreni in un documento da Nuceria Alfaterna*. Roma: "L'Erma" di Bretschneider, 2004, 140 p., 71 ils. (Studia Archeologica, 128).

Maricé Martins Magalhães*

A autora é atualmente diretora-arqueóloga junto à *Soprintendenza per i Beni Archeologici del Lazio*; antes, durante um decênio, foi diretora dos *Uffici Scavi di Sarno e Nocera* (vinculados à *Soprintendenza per i Beni Archeologici di Salerno, Avellino e Benevento*), onde produziu numerosas publicações com os resultados de suas escavações no território de *Nuceria* antiga. No atual município de *Nocera Superiore* (Região Campânia, Itália Meridional), a autora dirigiu, entre outras, as escavações de uma pequena necrópole com três tumbas de II século a.C., o que permitiu recuperar numerosos elementos de guarnição ou mobiliário fúnebre. Entre esses, destaca-se aquele da sepultura n. 54 que consistia, entre outros objetos, em uma coroa funerária composta por rosetas, bagas, amorzinhos, folhas de carvalho e sete pequenos homens-delfins. A presença excepcional desses últimos constitui uma rara representação do mito de *Dionysos* e dos piratas tirrenos, conhecido através dos Hinos Homéricos. O estudo desse interessante documento nocerino naturalmente induziu a arqueóloga a uma atenta releitura de toda a documentação literária e iconográfica ligada ao supracitado mito, levando à aquisição de alguns elementos novos, além da descoberta em si.

* Bolsista da FAPERJ junto ao Departamento de História e ao Programa de Pós-graduação em História Comparada da UFRJ. Laureada em Epigrafia e História Romana pela Università degli Studi di Napoli "L'Orientale".

A primeira parte do volume (p.17 ss.) apresenta a acurada descrição das escavações executadas em abril de 1993 a nordeste, fora da cinta murária de *Nuceria Alfaterna* (localidade *San Clemente*), uma das mais poderosas cidades da Campânia desde a época samnita. As três tumbas (nn. 53, 54 e 55), de inumados em sarcófagos de terracota (um) ou de tufo local (dois), se encontravam a uma profundidade de seis metros sob o solo atual, eram alinhadas ao longo de uma estrada de terra batida e datadas do período helenístico. Uma delas, a n. 54, era relativamente rica e restituiu vários objetos (todos rigorosamente catalogados) pertencentes ao 'enxoval' funerário, tais como: diversos vasos de argila decorados, fragmentos de uma caixinha em osso, fragmentos de ferro e de bronze; duas cabeças taurinas em argila colorida. Sobre o sarcófago, na altura da cabeça do defunto, eram esparsos, em forma quase circular, numerosos *appliques* fabricados de matriz, em argila, e revestidos em folhas de ouro de 24 quilates: rosetas, bagas globulares, folhas de carvalho, patos em vôo, *erotes* e, enfim, sete homenzinhos representados nas várias etapas da metamorfose em delfins. Essa tipologia de coroa funerária (cuja armação, seguramente em madeira, se deteriorou) e todos os seus componentes decorativos se enquadram em modelos oriundos da Magna Grécia (principalmente de Taranto) entre meados do século IV e o II séc. a.C.; no entanto, um *unicum* em tal contexto funerário constitui as figurinhas de homens transmutando-se em golfinhos.

A estudiosa faz um *excursus* cronológico sobre as fontes literárias que narram diretamente o mito de *Dionysos* e dos piratas Tirrenos (felizmente apresentando também os textos, p.41 ss.), que se inicia como o próprio Hino Homérico a *Dionysos* (n. VI, VII ou VIII, dependendo das várias edições), ou fazem alusão ao mesmo como Eurípides no *Ciclope* (vv. 11-14). O tema foi represo depois por Ovídio nas *Metamorfoses* (III, 596-631; 660-680) e por Propércio (*Elegias*, III, 17, 25-26); o episódio é ainda recordado por Apollodoro (*Biblioteca*, III, 5, 1-2) com citações dos lugares onde se desenvolveu. Da mesma forma no *Agamenon* de Sêneca (ed. Leo, Berlin 1878, 451) o termo *Tyrrhenna piscis*, interpretado como 'delfim', recorda a narração à qual faz referência também Filostrato (I, 19), quando descreve uma das pinturas vistas na *uilla* de um amigo que o hospedou em *Neapólis*. Enfim, nos *Dionysiaca* de Nonno (XLV, 105 ss.), a história de Dionísio e dos piratas vem contada por Tirésias a Penteu como expressão da potência do deus, lá onde a lenda é já ambientada no Mediterrâneo Ocidental como mito Siciliano. Segue-se um debate sobre o âmbito cultural no qual o mito se

formou e sobre a problemática e discutida origem dos Pelasgos e Tirrenos, e ainda sobre a 'pirataria Tirrena' propriamente dita.

Em uma terceira etapa do seu estudo, a autora apresenta um enquadramento cronológico de todos os documentos iconográficos que representam ou que poderiam representar tal mito homérico e os delfins 'antropizados' (p.53 ss., felizmente também todos esses exemplos ilustrados no final do volume): o mais antigo testemunho seguro se encontra em uma *kylix* Samia em figuras negras datada entre 540-530 a.C.; em seguida, um fragmento de uma ânfora Panatenaica, cuja datação recairia em torno de 500 a.C.; uma terceira atestação é mostrada em uma *hydria* de proveniência desconhecida, mas datável entre 500-490 a.C. (conservada em Toledo). Duidosamente também poderia retratar um delfim antropomorfo uma *coppa* Ática de Siana (580-570 a.C.) e talvez ainda uma ânfora proveniente de Cerveteri em figuras negras atribuída ao Pintor de Paris (540-530 a.C.). Uma outra figuração complexa, cuja relação com esse mito é ainda em discussão, aparece na *lekythos* em fundo branco atribuída ao Pintor de Beldam (Atenas, 450 a.C.). No entanto, a representação mais completa da história de *Dionysos* junto aos piratas Tirrenos foi imortalizada no friso do monumento corégico construído por Lisícrates em 334/3 a.C. em Atenas. No final do IV século a.C. o tema foi represo sobre um pratinho encontrado na Cúria em Roma e do mesmo período se data um fragmento de métopa Tarantina, em que se percebe um dos piratas em ato de transformar-se em golfinho. Vem ainda mencionado um vaso bialçado do Museu de Colônia, com os episódios que se encontram em Ovídio, ao qual já se acenou. De notável interesse é a representação em um mosaico de peristilo proveniente de Dougga (Tunísia) datado de meados do III séc. d.C.; do mesmo período e em âmbito funerário é a cobertura do sarcófago dionísíaco de Philippeville (Argélia). Finalmente, dentro do mesmo esquema do sarcófago precedente encontra-se uma arquitrave marmórea de Gaeta (Lácio). No pequeno capítulo seguinte (p.61 ss.), são listadas todas as representações iconográficas de *Dionysos* sobre a nave e o *carrus naualis*, assim como as divergências de parecer entre os estudiosos do setor, com relação a atribuir ou não um nexo entre essas figurações e o episódio descrito no Hino.

Encerram a parte textual do volume dois capítulos com as considerações e algumas conclusões sobre o significado 'sotério' do 'mergulho' (p.67 ss.). A partir do instante em que a metamorfose dos homens em delfins (nas representações anteriormente descritas) acontece no momento do mergulho

nas águas, o ato em si poderia constituir a salvação e a passagem de uma dimensão a outra. Para o período clássico, os mergulhos estão ligados aos ritos de purificação e de iniciação, revestindo-se de um particular significado sacro. A passagem de uma dimensão terrena a uma ultraterrena vinculada a *Dionysos* se articula bem com essa divindade, cujo caráter primitivo era o de deus infernal ou ctônio; e a presença do mito dos golfinhos, em uma sepultura, parece confirmar o mergulho simbólico do 'estágio' de vida àquele de uma 'nova vida', e sublinha a crença em uma religião que permitia um renascimento após a morte. Também a coroa tinha uma valência escatológica e era símbolo da imortalidade, revelando a aspiração do defunto a uma 'heroização' *post mortem*; essa escolha retrata ainda as expectativas de uma aristocracia local samnita culta, através da imitação dos modelos dinásticos helenísticos. Os elementos presentes na tumba, em seu conjunto, podem ser interpretados como manifestações de um ritual de tipo 'místico', que poderia ter sido dirigido à comunidade à qual o defunto pertencia ou à divindade à qual o defunto teria confiado as próprias esperanças: de ser partícipe de uma ilusão, divina e imortal.

Enriquecem essa minuciosa descrição as 71 ilustrações (ótimas fotografias) relativas às etapas de escavação das tumbas, aos singulares adereços nelas encontrados e às referências iconográficas.